

Finitude e transcendência: algumas reflexões sobre "O Infinito", de Giacomo Leopardi

Prof. Mestre Marcos Vinicio Guimarães Giusti (UNESA/UFRJ)¹

Resumo:

O propósito desse trabalho é o de discutir algumas questões fundamentais de ontologia e de lógica a partir do poema L'Infinito, de Giacomo Leopardi. Trata-se de tomar a idéia de Infinito como uma produção essencial da angústia humana em face da morte e do conseqüente desejo de transcender a própria finitude. No poema, cabe ao pensamento criar uma imagem que os olhos não percebem: "o último horizonte" ou Infinito. Esta imagem é criada estrategicamente por uma lógica imanente ao pensamento e contra-intuitiva em relação ao mundo físico clássico, de extensão espacial e material finita. Essa lógica imanente ao pensamento é a (cria)atividade, ou atividade criadora, fonte da transcendência e produtora do conhecimento que, em certo sentido, liberta o homem igualando-o a Deus.

Palavras-chave: finitude; transcendência; infinito; Leopardi.

1 O Poema

L'Infinito¹

(Giacomo Leopardi)

Sempre caro mi fu quest'ermo colle,
e questa siepe, che da tanta parte
dell'ultimo orizzonte il guardo esclude.
Ma sedendo e mirando, interminati
spazi di là da quella, e sovrumani
silenzi, e profondissima quiete
io nel pensier mi fingo, ove per poco
il cor non si spaura. E come il vento
odo stormir tra queste piante, io quello
infinito silenzio a questa voce
vo comparando: e mi sovvien l'eterno,
e le morte stagioni, e la presente
e viva, e il suon di lei. Così tra questa
immensità s'annega il pensier mio:
e il naufragar m'è dolce in questo mare.

¹ O Infinito: Sempre cara me foi esta colina/Erma, e esta sebe, que de tanta parte/Do último horizonte, o olhar exclui./Mas sentado a mirar, intermináveis/Espaços além dela, e sobre-humanos/Silêncios, e uma calma profundíssima/Eu crio em pensamentos, onde por pouco/Não treme o coração. E como o vento/Ouçõ freir entre essas folhas, eu/O infinito silêncio àquela voz/Vou comparando, e vêm-me a eternidade/E as mortas estações, e esta, presente/E viva, e o seu ruído. Em meio a essa/Imensidão meu pensamento imerge/E é doce o naufragar-me nesse mar (LEOPARDI, 1995).

2 Finitude e Transcendência

“A filosofia é saudade, ânsia de se sentir em casa em qualquer lugar” (NOVALIS, 2007. p. 155). As palavras de Novalis não soariam menos verazes caso se referissem ao seu próprio ofício, a poesia. Essa irmã primogênita da filosofia também é transida pela saudade. Em ambas manifesta-se certa disposição de restituir o homem ao seu lar. E o lar não é apenas o espaço físico em que se habita. Como nos revelaram os antigos cultos aos ancestrais, ele é, antes, o lugar onde arde a chama do nosso ser mais próprio. Portanto, a saudade que atravessa indistintamente a filosofia e a poesia provém do desejo de restituir ao homem a sua propriedade, ou seja, a sua dimensão propriamente humana. Heidegger (1992. p. 22) a chamou de “o modo fundamental de nosso ser”. Mas que dimensão é essa? A finitude.

O poema de Leopardi nos remete de volta ao nosso lar, à nossa propriedade humana. Sugestivamente, o infinito de seu título contrapõe-se àquilo que, em última instância, nos limita: a “sebe que, de tanta parte do último horizonte, o olhar exclui”, ou seja, a finitude de nossa humanidade. Estamos, portanto, presos à nossa condição ôntica de ser-para-a-morte. O fim da existência nos espreita, e a nossa ciência desse espreitamento nos angustia. Lançados na aventura da vida humana, tentamos esquecer as suas circunstâncias limítrofes buscando um prazer infinito. Leopardi sabia que “o desejo de prazer no homem, por ser infinito, não pode ser realizado porque na realidade concreta nada é infinito, nem em extensão e nem em duração: as coisas estão marcadas pela finitude” (LEOPARDI, 1993. p. 1109).

Se sensualmente o prazer infinito nos é vedado pelas limitações inerentes à nossa própria constituição material, é ilimitada a possibilidade de o pensamento criar “intermináveis espaços, e sobre-humanos silêncios, e uma calma profundíssima”. Pelo pensamento transcendemos a nossa condição finita e tornamo-nos criadores do infinito.

A intuição poética do infinito compreende três momentos: a função da imaginação; a representação do próprio infinito em termos de espaço, tempo e som; e a atitude particular do poeta para com a imensidão do infinito. A imaginação cumpre um papel fundamental na transcendência da finitude pelo pensamento. Nela reside o poder de criação do homem. A imaginação transpõe o limite material da percepção sensível, fornecendo ao pensamento o elemento primário da abstração. Na imaginação poética de Leopardi o infinito é concebido a partir de um suporte físico: o espaço que se estende interminavelmente. Portanto, o espaço é o elemento abstrato primário do infinito imaginado pelo poeta.

Espacialmente ilimitado, o infinito leopordiano espraia-se na eternidade que, curiosamente, chega ao bardo italiano pela amplidão do silêncio. O tempo cronológico ocorre, então, com o bramir do vento nas folhas, com a sucessão da corrente de ar que passa e as sacode. E novamente a imaginação transporta o pensamento do transitório ao eterno, comparando o freir do vento nas folhas ao silêncio infinito. Essa comparação também se ampara em um elemento primário da abstração: o momento.

O tempo cronológico é determinado pela série sucessiva dos momentos, que é equivalente à passagem do vento entre as folhas. Por sua vez, a eternidade não é a cessação dos momentos, mas a dissolução da série de momentos na unidade. A eternidade é um momento singular que reúne todos os momentos da série em uma duração ilimitada. O silêncio infinito não é o calar do bramido do vento nas folhas, e sim a sua permanência fora da sucessão, algo que o pensamento é capaz de representar sem remissão à intermitência temporal.

A intuição poética do infinito só é possível quando ocorre a transição da materialidade do mundo finito, percebido sensorialmente, para a abstratividade do pensamento. Vimos anteriormente que, para Leopardi, “as coisas estão marcadas pela finitude”. A finitude das coisas contrasta com a infinitude abstrata, atingida pelo pensamento. É essa transição do sensório para o abstrato que caracteriza o poder de transcendência humano. Nesse caso, transcender significa abstrair, isto é, sobrepor o reino mental ao reino material.

A sobreposição da mente à matéria não implica uma oposição. Apenas aparentemente elas se opõem. Para tornar mais clara essa idéia, tomo como exemplo, mais uma vez, os versos de Leopardi: “E como o vento/ Ouço fremir entre essas folhas, eu/ O infinito silêncio àquela voz/ Vou comparando, e vêm-me a eternidade/ E as mortas estações, e esta, presente/ E viva, e o seu ruído.” Nessa passagem, não há oposição entre o infinito silêncio e a voz, representada pelo fremir do vento entre as folhas. A voz, abstraída pelo pensamento, é o próprio silêncio. Um silêncio que permanece por toda a duração da voz, e que permite a passagem da voz. Portanto, assim como o espaço e o momento – que é a unidade abstrativa do tempo –, também o silêncio deve ser considerado como um elemento primário da abstração.

Assim compreendido, o silêncio permite que cheguem ao poeta “as mortas estações, e esta, presente/ E viva, e o seu ruído.” Ou seja, o silêncio concebido como elemento primário da abstração permite ao pensamento o acesso à totalidade atemporal da natureza, onde as estações mortas se encontram simultaneamente com a estação presente. Entretanto, esse encontro só é possível por causa da memória. Whitehead (1994. p. 83) clarifica bem o papel da memória diante do tempo presente:

Na memória, o passado se faz presente. Presente não enquanto sobrepondo-se à sucessão temporal da natureza, mas como um fato imediato para a mente. Nesse sentido, a memória é um desengajamento da mente com respeito à simples passagem da natureza; pois aquilo que passou para a natureza não passou para a mente.

E mais adiante ele explica a diferença entre a memória e o presente imediato nos seguintes termos:

Além disso, a distinção entre memória e o presente imediato não é tão nítida como convencionadamente se presume. Existe uma teoria intelectual do tempo como o gume de uma faca em movimento, a demonstrar um fato presente sem extensão temporal. Essa teoria origina-se do conceito de uma exatidão ideal da observação (WHITEHEAD, 1994. p. 83).

Whitehead toca em um ponto fundamental do nosso processo de abstração intelectual: a crença de que nossas observações são exatas, isto é, que a nossa apreensão sensível dos eventos, portanto também a nossa representação mental deles, coincide de maneira precisa com as ocorrências exteriores a nós. Entretanto, não estão bem estabelecidas as fronteiras entre a memória e o presente imediato. Whitehead (1994. p. 84) nos indica essa imprecisão:

O presente é uma amplitude de fronteiras oscilantes entre os dois extremos. Assim, nossa própria apreensão sensível, com seu presente estendido, possui algo do caráter da apreensão sensível do ser imaginário cuja mente estava liberta da passagem e que contemplava a natureza no seu todo como um fato imediato. Nosso presente individual possui seus antecedentes e seus conseqüentes, enquanto para o ser imaginário a natureza como um todo tem suas durações antecedentes e conseqüentes. Portanto, a única diferença, nesse sentido, entre nós e o ser imaginário é que para ele toda a natureza participa do imediatismo de nossa duração presente.

Reportando-nos aos versos iniciais de Leopardi, a mirada a partir da colina encerra-se na sebe, além da qual se estende um horizonte inacessível ao observador. Tudo o que os olhos observam são os limites da cerca-viva. Este é o horizonte atual do poeta-observador desde o cimo do outeiro. Contudo, o poema não se desenvolve como uma descrição precisa do que é observado. O olhar do poeta vaga para além do momento vivido, transpassado pela memória e pela força abstrativa do pensamento. Dessa maneira ele vislumbra um outro horizonte ao mesmo tempo subjacente e sobreposto ao horizonte atual. Leopardi o chama de “o último horizonte”. Nós o designaremos como horizonte potencial. Por conseguinte o horizonte atual, aquele alcançado pelo olhar do poeta e que se limita, naquele momento, à sebe, emerge do horizonte potencial.

O horizonte potencial não é sensorialmente apreensível. Só podemos atingi-lo por intermédio do caráter abstrativo do pensamento. Leopardi afirma a eternidade desse horizonte. Porém, o caráter temporal ilimitado do horizonte potencial não coincide com a noção de imobilidade. Devemos entender a eternidade na qual se encontra esse horizonte como a passagem do tempo sem a fronteira atual do momento. O poeta-observador do infinito leopardiano pode ser comparado ao ser imaginário citado por Whitehead. A sua intuição poética do infinito corresponde à percepção de que “toda a natureza participa do imediatismo de nossa duração presente”.

A análise que Fábio Teixeira Rocha (2007. p. 139) produz em sua dissertação sobre Leopardi, corrobora parcialmente essa perspectiva:

Uma vez que o todo se revela ao homem materialmente, ou seja, com base na realidade concreta e efetiva, Leopardi considera essência e aparência como unidade. Nesse momento, tem prioridade a dimensão mais concreta dos objetos, e se configura, no pensamento leopardiano, uma compreensão do mundo, valendo-se do ponto de vista “*materialista-sensualista*”. O autor se contrapõe à supremacia da razão que ameaça outras faculdades do indivíduo, a saber: *fantasia, imaginação e sensibilidade*. Segundo ele, tais faculdades compõem uma dimensão da realidade da natureza, já que estão ligadas ao que é sensível.

Há um único senão em relação ao que é dito na citação acima: o ponto de vista materialista-sensualista que norteia a maneira pela qual o poeta compreende o mundo não pode prescindir do aspecto mental. Ao negar a primazia da razão sobre a fantasia, a imaginação e a sensibilidade, Leopardi não nega a apreensão mental da natureza. Caso contrário não poderia escrever em seu poema que o pensamento é capaz de criar o que os sentidos não percebem: intermináveis espaços, sobre-humanos silêncios, e uma calma profundíssima.

Ao negar o primado da razão na apreensão da natureza, o que Leopardi pretende é pôr em evidência as faculdades mentais ligadas à criatividade, cujo exercício liberta o pensamento da estreiteza formal do pensamento lógico baseado nos princípios da identidade, da não-contradição e do terceiro-excluído. Assim, o último horizonte, o horizonte potencial, encontra-se aquém de toda apreensão racional da natureza. Nele concentram-se todas as possibilidades, infinitas possibilidades que se atualizam na natureza quando as apreendemos.

Conclusão

Podemos ler *O Infinito* como um poema que restitui ao homem a sua propriedade, a sua finitude, aliada à capacidade de transcendência pelo pensamento. Segundo Leopardi, a infelicidade humana resulta de termos perdido a dimensão do mistério, do oculto. A ciência quer iluminar o mais recôndito sítio da natureza, para tudo igualar no conhecimento. É necessário recuperar o antigo viço da *phýsis* pré-socrática. Nesse sentido devem concorrer a imaginação e a intuição como forças criativas da mente humana.

Ou a imaginação restitui o vigor, e as ilusões recuperarão corpo e substância em uma vida enérgica e móvel, e a vida tornará a ser coisa viva e não morta, e a grandeza e a beleza das coisas tornarão a parecer uma substância, e a religião adquirirá o seu crédito, ou este mundo se tornará um serrallo de desesperados, e talvez também um deserto (LEOPARDI, 1993. p. 95)

A referência de Leopardi à religião, e à necessidade de sua credibilidade, enseja a idéia de que a intuição poética do infinito seja pensada como uma intuição religiosa, tal como a encontrada na experiência mística. Dentro desse quadro, nos reportamos à concepção whiteheadiana de intuição religiosa, reforçando a hipótese de que a experiência do poeta na colina deserta também possa ser compreendida como uma experiência religiosa.

A religião reivindica que seus conceitos, embora derivados primariamente de experiências especiais, ainda sejam de validade universal, para serem aplicados por meio da fé no ordenamento de toda experiência. A religião racional recorre à intuição direta de ocasiões especiais, e ao poder elucidativo de seus conceitos para todas as ocasiões (WHITEHEAD, 1996. p.32).

No poema de Leopardi, a intuição do infinito é a experiência especial cuja ocorrência redimensiona o homem no mundo, ao restituir-lhe a condição de transitar entre o potencial e o atual, entre a visão dos olhos retida na sebe, e a expansão da mente no último horizonte. O poder elucidativo do conceito de infinito é o de permitir ao homem o vislumbre da necessidade do mistério como princípio ativo de uma vida criativa, capaz de se reinventar continuamente.

Se é impossível nos livrarmos da angústia existencial de sermos seres-para-a-morte; se a condição humana é buscar prazer infinito em meio às coisas finitas do mundo; por que não sentarmos de vez em quando no cimo de uma colina deserta e lançarmos nossa imaginação em busca de uma calma profundíssima que, como um mar infinito, nos convida a um mergulho revigorante?

Referências Bibliográficas

- [1] HEIDEGGER, Martin. *Les concepts fondamentaux de la métaphysique: monde, finitude, solitude*. Paris: Gallimard, 1992.
- [2] LEOPARDI, Giacomo. *L'Infinito*. Versão do autor original e tradução de Vinicius de Moraes. In: LUCCHESI, Marco. “Verso e Versão”, *Poesia Sempre*, n. 5. p. 253-260, fev. 1995.
- [3] _____. *Zibaldone di Pensieri* [1817–1832], v. I-II. Milano: Bompiani, 1993.
- [4] NOVALIS. *Notes for a Romantic Encyclopaedia*. New York: State University of New York Press, 2007.
- [5] ROCHA, Fábio Teixeira. *A crítica à modernidade em Giacomo Leopardi: em busca de uma ultrafilosofia*. 162 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- [6] WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- [7] _____. *Religion in the making*. New York: Fordham Univ. Press, 1996.

Autor

¹ **Marcos Vinicio Guimarães GIUSTI, Prof. M.Sc.**

Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Doutorando em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

marcos_giusti@uol.com.br